

**O mar - fonte de sustento e de oração contemplativa, do trágico e do milagroso, na Ínsua franciscana.**

**Comunicação apresentada ao Encontro CITCEM 2011, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 20-22 de Outubro de 2011**

**Sessão 7, 20/10/2011**

**João Paulo Cabral (jpcabral@fc.up.pt), Faculdade de Ciências, Universidade do Porto.**

### 1. O convento da Ínsua, lugar da mais rigorosa Observância

Durante o Grande Cisma do Ocidente, um pequeno grupo de Observantes galegos, não querendo seguir o seu rei na obediência a Avinhão, entra no norte de Portugal (que então alinhava com Roma) com o intuito de difundir o ideário da mais rigorosa Observância, e funda os conventos de Mosteiró (Valença), Ínsua (Caminha), S. Francisco do Monte (Viana), S. Paio de Cerveira e S. Clemente de Penhas (Matosinhos) (Rema, 2003, 2005; Carvalho, 2005).

A pequenina ilha ao largo de Caminha, qual pedacinho de terra rodeado de mar por todos os lados, bem terá agradado aos observantes galegos. Poderia existir maior isolamento? Maior solidão? Mais alto desafio?

Não tinham escolhido um sítio «*junto de algũa cidade, ou Povo da Provincia de Entre Douro, e Minho*», porque esta seria uma escolha demasiado trivial, mas antes «*entre as furiozas ondas do profundo Már oceanno, em hũa ilha delle tão pequena, e limitada, q. em toda a sua circunferencia não tem hũm quarto de legoa*» (ADB, F-7, fol. 4, f.).

Para lá chegar e de lá partir era necessário atravessar o mar. Mar perigoso, a sua travessia era a travessia da vida, «cheia de tempestades, de escolhos, de remoinhos, de piratas, [...] de baixios, de monstros e de ondas. O escolho para a alma é a cólera violenta e repentina. O remoinho é a angústia que se apodera do espírito e se esforça em arrastá-lo para o abismo da desesperação. O baixio é a ignorância que toma o mal pelo bem. O monstro é esse corpo pesado e selvagem. Os piratas são os mais perigosos abastecedores de vanglória que roubam o nosso carregamento de virtudes laboriosamente adquiridas. A onda é um ventre inchado e carregado que nos deixa entregues aos animais agressivos e selvagens. O tornado é o orgulho que, depois de nos elevarmos ao céu, nos faz descer ao fundo do abismo» (São João Clímaco, Escada Santa, 26, §13).

As ondas do mar calmo não revolvem as profundezas do oceano, mas as altas vagas «sacodem-no até às profundidades». A visão e a contemplação do mar actuam, então, na nossa mente e no nosso coração. As ondas do mar tempestuoso varrem-nos as paixões, as imperfeições e as imagens diabólicas, mas sereno fica «quem está perto da perfeição» (São João Clímaco, op. cit., 26, §171).

O mar rodeava a ilha por todos os lados, dela não podiam sair senão atravessando-o ou caminhando para o ar, para o céu, em pensamento e oração (São João Clímaco, op. cit., 28, §1). O mar era o cerco. Existe maior solidão do que um homem cercado? A solidão era cercada e assustada, mas quando Deus está presente, o homem está só? A muralha tinha de ser transposta, mas a sua passagem era arriscada. Que maior desafio podia existir?

## 2. O mar da Ínsua, fonte de sustento

O mar é tenebroso, mas fecundo. As suas riquezas desafiam e suplantam os medos que inspiram. A fecundidade existe mesmo nas mais abissais profundezas. O mar trabalha incessantemente. Amai-vos e multiplicai-vos. O amor enche a noite fecunda do mar (Michelet, 1861, pp. 109-110).

O mar, elemento livre, criou à sua semelhança seres iminente livres, escorregadios, ondulados, fluidos, móveis - os peixes que o povoam (Michelet, op. cit., p. 219).

Encontramos nos documentos do Arquivo da Ínsua e nas crónicas franciscanas, descrições que atestam a riqueza do mar em peixe, em marisco, em sargaço, e até em lenha, nos tempos da ocupação franciscana da ilha<sup>1</sup>.

A riqueza era tanta, era «tanta abundancia, que tinham de repartir com os Conventos mais visinhos, sem ter culpada a profusão, porque não he contra a pobreza o que serve de cautela aos desperdicios, nem era justo lançar ao mar o que de Deos lhe vinha, e o mesmo mar lhe dava, sendo mais a beneficio da sorte pela lança, do que se podia considerar da diligencia no artificio» (Amor de Deos, 1740, p. 70).

Para a pesca, os franciscanos construíram várias câmbuas na zona rochosa entre-marés. De acordo com a crónica de Fr. Pedro de Jesus Maria José (PJMJ, 1760, p. 405), terão sido construídas nos primeiros tempos da ocupação da ilha, e algumas ainda hoje permanecem, se bem que danificadas. Para os franciscanos da Ínsua era uma das formas de pescar (Esperança, 1666, p. 460).

Outra seria a pesca com redes. Se atentarmos ao *Livro dos Milagres* (ADB, F-7)<sup>2</sup>, uma parte da rede era lançada ao mar de barco, enquanto que outra permanecia agarrada, em terra<sup>3</sup>. É de supor que a parte lançada ao mar seria depois puxada para terra, trazendo consigo o peixe.

<sup>1</sup> Temas discutidos em trabalhos publicados pelo autor desta comunicação. Ver bibliografia em outra comunicação apresentada a esta reunião.

<sup>2</sup> Pelo texto inserido no primeiro fólio, sabemos que foi Fr. Carlos do Desterro, ministro provincial da Ordem quem, a 28 de Setembro de 1725, no mosteiro de Santo António de Viana, incumbiu Fr. Ambrósio da Conceição, secretário da Província, de iniciar a redacção do documento. A análise da caligrafia, do conteúdo e da sintaxe, indicam claramente que o documento foi redigido por diversos escribas, em diferentes ocasiões. A primeira parte do documento, ocupando os fólhos 4 a 11, está organizada em oito capítulos. A caligrafia, a tinta, a sintaxe e as abreviaturas são muito constantes. Terá sido redigido logo após a abertura do livro, por um mesmo escriba, quiçá de uma só vez. Descreve acontecimentos milagrosos, alguns não-datados, outros balizados entre 1503 e 1694. É interessante e significativo que a quase totalidade dos milagres descritos neste livro esteja relacionada com o mar da Ínsua.

<sup>3</sup> «*Em o anno de mil, seis centos, e vinte e douz, hindo dous Relig.<sup>os</sup> em sua escura noute lançar ao már a rede, hum delles q. ficou em terra, tendo mão em hũa ponta da rede, q. o outro ia lançando p.<sup>lo</sup> már, com o temor de hũa onda, q. vinha vindo p.<sup>a</sup> elle largou a rede, e fugio, e o companhr.<sup>o</sup> q. p.<sup>lo</sup> már a hia lançando foy das suas ondas arrebatado, e clamando p.<sup>la</sup> May de Deos, q. o livrasse de tão gr.<sup>de</sup>, e manifesto perigo, foy arribar a hum penedo, q. fica da p.<sup>ie</sup> de Galliza, a q. chamão Baraçam, aonde esteve toda a noute athe q. amanheceo, e voltando depois p.<sup>a</sup> este Oratorio foy dar a N. Snr.<sup>a</sup> devotam.<sup>te</sup> as graças p.<sup>lo</sup> haver miraculozam.<sup>te</sup> livrado de hum perigo tão manifestô*» (ADB, F-7, fl. 7, f.).

Que peixes eram pescadas nos mares da Ínsua?<sup>4</sup>

De acordo com as crónicas franciscanas e o *Livro dos Milagres*, os pescadores vizinhos pescavam congros (ADB, F-7, fl. 10, f.), lampreias (ADB, F-7, fl. 10, v.), robalos (PJMJ, op. cit., p. 463), sargos (PJMJ, op. cit., pp. 448-449), entre outros, e os franciscanos pescavam também sargos (Esperança, op. cit., p. 460; PJMJ, op. cit., pp. 448-449), choupas, negrões, tainhas, trutas mariscas (PJMJ, op. cit., pp. 448-449).

Outros peixes eram certamente pescados nos mares da Ínsua, se considerarmos o foral manuelino. Na própria carta do foral foi colocada uma «adenda», datada de 24 de Março de 1518, que estabelece, com invulgar pormenor, as normas para o «conduto» dos pescadores. Ficava determinado que para o congro, a pescada, a raia, o cação, o ruivo, a lagosta, o sável, a lampreia, o robalo, a solha, o robaliço, a muge e o linguado, os pescadores podiam tirar o conduto, normalmente um peixe por barco, antes de pagarem a dízima (Serra de Carvalho, 1984).

### 3. A espiritualidade do lugar

O movimento das marés, cíclico e ritmado, de encher e vaziar, as alterações do estado mar, ora calmo e liso, ora ondulado e crispado, as pequenas praias de areia que se modificavam do dia para a noite, eram uma fonte de inspiração para os espíritos contemplativos dos fundadores da comunidade (PJMJ, op. cit., p. 410).

«Estava totalmête separado do mar, mar em meio, da conversação do mudo, & dava muitos motivos perase exercitar o commercio do Ceo. Por q. a dureza dos penedos ensinava o rigor da penitência: a area movedissa, as mudanças desta vida: o pontual movimento das marés, a obediência, q. tẽ ao Criador: as tẽpestades do mar, a sua indignação: as bonanças, quando parece mar leite, a sua misericórdia; & finalmente os naufragios de quantos á sua vista perdẽrão as fazẽdas, & as vidas, o pouco caso, que este mundo merece» (Esperança, op. cit., pp. 460-461).

Lugar distante, ermo, isolado por mares por vezes intransponíveis, a ilha não tinha saída a não ser para o céu (existe melhor caminho?). O corpo elevava-se levitando, mas muito mais alto podia subir o coração e o espírito, à procura «do Divino amor», como fazia em extremo Fr.

---

<sup>4</sup> É interessante comparar a informação que existe sobre a pesca em Caminha ao tempo da ocupação inicial franciscana da Ínsua, com a informação posterior dos séculos XVIII-XIX, baseada nas Memórias paroquiais de 1758 (Capela, 2005) e nos exaustivos trabalhos de Baldaque da Silva (1891, 1991). Observamos que a maioria das espécies é pescada durante todo este longo período de tempo. No entanto, parece existir uma alteração dos padrões de pesca nas águas de Caminha. A pesca da choupa e do sargo são referidas nas crónicas franciscanas, mas não nas restantes fontes. A pesca do negrão está em idênticas condições, mas este peixe, sendo uma variedade de tainha, podia ser englobada na pesca desta espécie. Pelo contrário, a pesca do salmão e da sardinha são mencionadas nas Memórias paroquiais e por Baldaque da Silva, mas não constam da documentação franciscana, nem do foral. Não encontramos referência à pesca à enguia nas crónicas franciscanas, no foral manuelino, nem nas Memórias paroquiais de 1758, sendo todavia referida por Baldaque da Silva. Várias causas podem estar na origem destas diferenças: 1. A documentação franciscana e o foral não serem exaustivos na enumeração dos peixes pescados. 2. Alterações efectivas nos padrões de pesca, em resultado de alterações de padrões de consumo ou de disponibilidade biológica.

Martinho da Ínsua, obrigando «os companheiros [...] a detello com eficacia, por ser grande a violencia que o movia» (PJMJ, op. cit., p. 498).

Fugia-se para a ilha para estar só, fugia-se da vida mundana, como Fr. Pedro da Carnota que «logo que acabou o Proviado, fugio para este deserto, para de todo se esquecer do mundo» (PJMJ, op. cit., p. 433).

Jejuns rigorosos e continuados, prolongadas vigílias, abstinências de comida e de sono, mortificações e penitências da carne, potenciavam os mais elevados delírios mentais, varrendo do espírito todas as imagens e pensamentos nefastos.

Fr. Afonso de Albuquerque «homem de profundissima humildade, e desprezo de si mesmo; que apartado, ou esquecido totalmente» (Amor de Deos, op. cit., p. 486), «no rigor dos seus jejuns pertendia desvanecer tudo quanto parecesse virtude». «Para render este em tudo às leis do espirito, buscava novos modos de abstinencias, exercitava-se em continuas vigalias, mortificava-se com repetidas disciplinas, asperos cilicios, em fim estudava penitencias exquisitas, para em tudo domar a rebeldia das paixões, e inclinações viciosas da natureza depravada. Humas vezes usava de ligaduras nodosas, outras de cintas tecidas de asperos cabellos, apertadas com violencia, e outras de rallos, e camizas de meio corpo de malha com agudas pontas, cujas penalidades o trazião tão oprimido, que não podia estar direito, e ficava derreado, e curvado» (PJMJ, op. cit., pp. 496-497).

Fr. João de Coimbra «homem virtuoso, concordando as obras com a vida na perfeição do seu estado com jejuns, pobreza, mortificação, e asperas penitencias, excedendo as forças à propria natureza» (Amor de Deos, op. cit., p. 527).

Fr. António da Merceana «castigava o seu corpo com rigorosas disciplinas, parecendo-lhe, que com este modo de sangrar-se se havia de mitigar aquella febre de amor, em que o seu peito ardia: porém assim castigado o corpo purificava a alma, porque se o sangue das veyas lhe corria, as chamas do amor o conservavão com huns taes esforços, que as suas vehemencias o arrebatavão; porque supposto que o sangue dos deliquios o enfraquecesse, a graça o soccorria com sobrenaturaes alentos» (Amor de Deos, op. cit., p. 536).

Fr. Domingos de São Julião, o grande asturião, «pigmeo, de corpo, mas gigante nas virtudes» (Cardoso, 1657:558), «recolhido [na Ínsua] mais de dez annos perseverou em summa abstinencia, e perpetua Oração, sempre descalço, e muitos dias não comendo pão, com sumo de hervas se sustentava, guardando clausura; porque nunca sahio fora, contento com huma só tunica de panno aspero forada de pelles de lobos marinhos» (Amor de Deos, op. cit., p. 97). «E tam contemplativo, & amigo da oração, que trazia sempre o entendimento recolhido, & abstrahido dos sentidos em hũa inexplicavel união com Deos, subindo em breve ao alto da perfeição» (Cardoso, 1657:558).

Fr. Bartolomeu da Ínsua, «dotado de heroicas virtudes, incredibile penitencia, profunda humildade, estremada abstinencia, frequente oração, abrazada caridade, & as mais, que a estas acompanhão» (Cardoso, 1652:394-395), «nunca andou calçado por terras tão asperas, e tão fragosas, desprezando o frio; nunca vestio mais que hum habito velho e remendado. Não bebia

vinho, vivendo sempre em continuados jejuns, sem comer nenhuma outra coisa mais, que hervas, e muy poucas vezes legumes cozidos sem nenhum tempero» (Amor de Deos, op. cit., p. 114).

O convento da Ínsua assume-se assim como o último teste, a derradeira prova (Amor de Deos, 1740:68), porque «o vento aperta, o mar porfia, as ondas batem, a terra treme, a area foje, os penedos se abalão, nada está seguro» (Amor de Deos, op. cit., p. 71).

As condições eram tão adversas que os franciscanos lá viviam «sem entender o como lá se conservavão, e assás se confundião, quando estavam vendo, que tudo para o natural era violento, e assim mais se asservorarão à competencia; porque supposto com boa ordem todos, tomando a sua Cruz se revião nella; porque abraçados com o trabalho, vencendo o susto, punhão todos os esforços no seu primeiro objecto do culto a Maria Santissima naquelle lugar, em que doravante a veneravão» (Amor de Deos, op. cit., p. 71).

#### 4. Mares da Ínsua, trágicos mares

Dentro do mar, não só não respiramos como rapidamente deixamos de ver. À medida que descemos, a luz rareia. A partir de uma certa profundidade, a cor da luz é sinistra, e para lá, a obscuridade é absoluta. O mar é um mundo de trevas! (Michelet, op. cit., p. 4).

O temor ao mar e a tragédia no mar perpassam ao longo dos textos bíblicos. O mar aparece como uma entidade primordial (Eclesiastes, 1:7; Isaías, 48:18), terrível (Isaías, 23:4), assustadora (Isaías, 17:12; Ezequiel, 26:4), tenebrosa (Isaías, 5:30; Jeremias, 51:36,42), adquirindo força anímica própria (Salmos, 104:25). Formam-se grandes correntes, remoinhos, tempestades, que sugam para o seu seio, homens e navios de todos os tamanhos, qual monstro que só se apazigua quando alimentado por humanos, porque animais o não contentam. O mar é um grande cemitério, um grande sepulcro, mas os corpos que nele desaparecem não se sabe onde estão. Só se sabe que serão chamados para o Juízo Final (Apocalipse, 20:11-15).

Os barcos, os navios, quaisquer que sejam as suas dimensões e potência, são então pequeninas casquinhas-de-noz, minúsculos corpos sólidos que sucumbem aos ventos e às ondas.

O mar é um abismo terrível porque não se vê o fundo, e a nossa visão rapidamente desvanece com a profundidade.

Contudo, Deus aquieta e domina os mares (Salmos, 65:8,74:13,89:10,93:4; Isaías, 51:15), e quem tem fé Nele, é vitorioso no mar. O temor ao mar é primordial, mas libertador. Quem não o teme, é porque tem fé, libertando-se em definitivo de todas as peias e constrangimentos terrenos. Quem não tem fé, quem duvida, naufraga irremediavelmente (São Mateus, 4, 14:22-33).

Realmente, a primeira impressão que temos quando olhamos para o mar, é medo (Michelet, op. cit., p. 3). No mar, afogamo-nos. Para os seres terrestres, a água, indispensável, é, contudo, o elemento de asfixia. Entre o mundo terrestre e o aquático e marinho existe uma barreira fatal, eterna, que os separa irremediavelmente (Michelet, op. cit., p. 3).

Conectados com terra unicamente através do mar, os franciscanos da Ínsua estavam sujeitos aos imponderáveis do tempo e do estado do mar.

Para chegar e partir da Ínsua, era necessário atravessar o mar.

Encontramos no *Livro dos Milagres* e nas crónicas franciscanas, sobretudo na de Fr. Pedro de Jesus Maria José, diversos relatos de episódios trágicos que ocorreram nos mares da Ínsua<sup>5</sup>.

No ano de 1628, afundou-se um barco galego com três pescadores. «*Dous deles q. sabião nadar, vierão a nado aportar a esta Insoa em tão lastimoso estado postos, q. parecião mais mortos, q. vivos; e o terceyro q. era hum velho, e não sabia nadar, se apegou a hum pao, e clamando por N. Snr.<sup>a</sup> se deyxou vir p.<sup>a</sup> onde a agoa o levava, e neste manifesto perigo lhe accudio e o socorreu a May de Deos trazendo a salvam.<sup>to</sup> desta Insoa, aonde veyo aportar e sahir*» (ADB, F-7, fl. 10, f.).

Todavia, se fizermos uma apreciação estatística (com as limitações inerentes óbvias), só encontramos o relato de um único naufrágio de franciscanos, durante os muitos séculos de ocupação do convento<sup>6</sup>.

O naufrágio singular ocorreu a 10 de Março de 1577, num sábado da Quaresma, envolveu Fr. Afonso de Gama e Fr. Tomé de Alverca, e foi descrito no *Agiologio Lusitano* de Jorge Cardoso e nas crónicas de Fr. Pedro de Jesus Maria José e de Fr. Amor de Deos.

As descrições que encontramos nas crónicas franciscanas são muito interessantes, pela forma e pelo conteúdo. Os cronistas contrastam a história da personagem com a situação presente (Amor de Deos, op. cit., pp. 97-98). Já tinha naufragado duas vezes em viagens para a Índia (PJMJ, op. cit., pp. 508), mas tinha saído ileso. Fr. Afonso da Gama era da família do ilustríssimo e destemido navegador, mas agora sucumbia ao destino (Amor de Deos, op. cit., p. 98), tanto mais que «usou da prevenção para a cautela de se recolher ao Sagrado deste Oratorio, querendo de antemão enterrar-se em vida, pois tinha escapado de ser ver debaixo das ondas sepultado» (Amor de Deos, op. cit., p. 97)<sup>7</sup>.

O mar era passagem obrigatória, porque tinham de ir a terra pedir esmola. O mar era violentamente tempestuoso, mas simultaneamente piedoso e milagroso, porque foram raros os irmãos que nele pereceram: «não sey como não foram mais, porque acada passo se estava dando sepultura aos que naquelles mares acabavão as vidas, sendo continuadas as passagens dos

<sup>5</sup> Localizada entre a foz de um rio caudaloso e uma frente atlântica, a ilha da Ínsua encontra-se numa zona de choque entre correntes de água. A ilha divide o estuário em dois canais, um do lado norte (a barra espanhola) e outro do lado sul (a barra portuguesa). A barra espanhola é perigosa dado que existem grandes blocos graníticos emersos. A barra portuguesa apresenta um fundo arenoso, mas a profundidade é baixa, podendo resultar em encalhamento das embarcações (Alves, 1996, p. 80-85, 129, 302). Em termos de correntes, a ilha tem um efeito semelhante a um quebra-mar destacado. A ondulação divide-se em dois arcos, um do lado norte e outro do lado sul, resultando em duas correntes longitudinais convergentes, uma no sentido norte-sul a partir da foz do rio Minho e outra de sentido inverso a partir da praia de Moledo. O encontro destas duas correntes provoca a deposição de sedimentos na Ponta Ruiva e pode ser tumultuoso (Alves, op. cit., pp. 80-85, 129, 302). O mar pode estar calmo, mas, em pouco tempo, tornar-se agitado e sem destino certo.

<sup>6</sup> Esta singularidade, que não deixa de ser extraordinária, atendendo à perigosidade do mar naquele sítio, será verdadeira? Terão existido outros? Ou seriam os barqueiros homens de extrema prudência e precaução?

<sup>7</sup> O corpo do franciscano afogado acaba por aparecer, passados alguns dias, numa praia da Galiza (PJMJ, op. cit., 508), facto verosímil. De acordo com a descrição, a tempestade surgiu repentinamente (PJMJ, op. cit., p. 509), o que também é plausível.

Religiosos; porque para se sustentarem lhes era necessario o ir pedir, o que não podião fazer por terra por se acharem cercados do mar naquella Ilha» (Amor de Deos, op. cit., p. 99).

### 5. Milagrosas águas à volta da Ínsua

O mar cercava a pequena ilhota. Contudo, o mar fala (Michelet, op. cit., p. 400), e os franciscanos da Ínsua ouviam-no e com ele falavam.

Que diferença entre a terra sólida, muda, e o mar líquido, que fala.

O mar tem uma voz. Fala para os astros longínquos, responde aos seus movimentos, subindo e descendo nas praias. O mar fala sobretudo para o homem.

«No princípio, Deus criou os céus e a terra». «Reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca». «Deus, à parte sólida, chamou terra, e mar, ao conjunto das águas». «Que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos». «Deus criou, segundo as suas espécies, os monstros marinhos e todos os seres vivos que se movem nas águas» (Génesis, 1).

O mar foi o cadinho da vida. A vida nasceu no mar. Os pequeninos coacervados de Oparin<sup>8</sup> podem ter sido protocélulas na «sopa primitiva»<sup>9</sup>. A vida floresceu no mar antes de se ter desenvolvido em terra<sup>10</sup>.

Os milhões de seres que no mar nascem são a voz do mar.

Que diz o mar? Diz que é a metamorfose eterna, a existência fluida que vence a terra petrificada, uma força imortal (Michelet, op. cit., p. 401). O mar abre o coração do homem. E os mais duros corações são por ele conquistados (Michelet, op. cit., p. 403).

O mar é tenebroso, mas também milagroso e libertador (Êxodo, 14).

O mar é a última força libertadora. O mar é o derradeiro desafio, mas o Supremo poder domina o poder da natureza, qual mar reduzido a um menino-de-colo (São Mateus, 2, 8:23-27).

<sup>8</sup> Segundo a hipótese do investigador russo A. I. Oparin (1894 – 1980), posteriormente desenvolvida também por J. B. S. Haldane (1892 – 1964), ter-se-iam formado nos oceanos primordiais estruturas globosas, microscópicas, de conteúdo orgânico e coloidal, delimitadas por uma camada de moléculas de água, rigidamente orientadas, formando uma membrana. Nestas estruturas, designadas por Oparin de coacervados, ocorriam algumas reacções bioquímicas, como a absorção selectiva e concentração de moléculas do meio exterior, reacções enzimáticas de síntese e decomposição de polímeros biológicos como o RNA, reacções de oxidação-redução com produção de energia sob a forma de pirofosfatos e algumas reacções fundamentais do processo fotossintético. Segundo Oparin, os coacervados são sistemas abertos, dinamicamente estáveis. A complexificação das reacções no interior destes coacervados e a síntese de moléculas orgânicas complexas e ordenadas, como as proteínas e os ácidos nucleicos, estariam na origem das primeiras células, entidades biológicas com metabolismo próprio e definido, com vista à auto-conservação e reprodução.

<sup>9</sup> «Sopa primitiva» foi a designação usada por Oparin para a hidrosfera da Terra primitiva, na qual, a partir de moléculas muito simples, a acção da luz proporcionou a síntese da maioria das moléculas orgânicas base (nomeadamente de açúcares, aminoácidos, e bases púricas e pirimídicas) que fariam parte das primeiras células. A síntese abiótica de moléculas biológicas na Terra primitiva foi confirmada por experiências laboratoriais, com os trabalhos pioneiros de Stanley L. Miller e Harold C. Urey na década de 1950.

<sup>10</sup> Parece ser hoje consensual que a vida surgiu nos oceanos da Terra primitiva, possivelmente em profundidade e perto de nascentes de águas quentes.

Milagroso mar que se acalmava quando era necessário transportar mantimentos para o sustento dos franciscanos da Ínsua.

Em 1620, «se levantou em o már hũa tão grd.<sup>e</sup> tempestade, q. por cauza della, não pode em m.<sup>os</sup> dias vir barco algum de terra a esta Insoa. Não tinham os Relig.<sup>os</sup> provim.<sup>io</sup> de biscouto por se lhes ter acabado, e o pão q. tinham era ja tão pouco, q. se hia quasi acabando, porem no dia, em q. se lhe acabou de todo, chegou hum barco de Caminha com o provim.<sup>io</sup> necessr.<sup>o</sup>.» (ADB, F-7, fl. 6, v.).

Mar milagroso porque recebendo no seu seio o que lhe não pertencia, rapidamente devolvia. Um casal vai à Ínsua em romaria. Estando a mulher «lavando as mãos em a playa, lhe cahirão no már huns coraes q. trazia, e fazendo toda a dilig.<sup>ia</sup> possivel por tirallos, não foy toda ella bastante p.<sup>a</sup> descobrillos; deu conta ao marido deste successo, mostrando grande pena, e sentim.<sup>io</sup>; p.<sup>a</sup> cujo efficaz remedio, e allivio, lhe prometteo o marido comprarlhe logo outros coraes, como os q. ao már lhe tinham cahido. Voltarão p.<sup>a</sup> Caminha, e comprarão dous robálos, q. mandarão aos Relig.<sup>os</sup> deste Oratr.<sup>o</sup>, e no ventre de hum delles forão os coraes achados, e com gr.<sup>de</sup> consolação, e igual admiração os remetterão os mesmos Relig.<sup>os</sup> aos dous devotos romeiros; e da mesma sorte forão por elles recebidos» (ADB, F-7, fl. 11, f.)<sup>11</sup>.

## 6. Concluindo

Os franciscanos, rompendo as teias dos limites medievais, amaram a Natureza («em cuja formosura se reflectia a imagem divina» (Cortesão, 1990, vol. I, pp. 79-81)) e, portanto, o mar e as suas criaturas.

Missionários franciscanos lançaram-se pelo tenebroso mar fora, até terras longínquas e desconhecidas. Acompanharam os primeiros colonizadores dos arquipélagos atlânticos da Madeira, dos Açores e de Cabo Verde (fundando nestas ilhas os primeiros conventos), foram os primeiros sacerdotes que rezaram missa no Brasil, que visitaram a Guiné, que catequizaram a Índia e que acompanharam Colombo na sua segunda expedição às Antilhas, e os primeiros que D. João II enviou ao Congo (Cortesão, op. cit., vol. I, pp. 77-86, 195-204, vol. II, pp. 278-286).

«La mer fait beaucoup de fous» (Michelet, op. cit., p. 16), mas a «loucura» dos franciscanos da Ínsua era o mais poderoso extâse contemplativo. O homem medieval tinha horror ao mar, mas a ele entregaram os franciscanos da Ínsua suas mãos e mentes. «Ainsi la mer ouvre le coeur. Et les plus durs y sont pris» (Michelet, op. cit., p. 403).

## 7. Bibliografia citada

Fontes manuscritas

<sup>11</sup> O milagre das contas de coral de N. S. da Ínsua faz-nos ecoar a vida do profeta Jonas, enviado a Nínive (Jonas, 1-2). Partiu para Társis, embarcado num navio. Para acalmar uma violenta tempestade, Jonas é lançado ao mar, e este aquietar-se. Então, «o Senhor fez que ali houvesse um grande peixe para engolir Jonas; e Jonas esteve três dias e três noites no ventre do peixe». Jonas ora ao Senhor. «Então o Senhor ordenou ao peixe, e este vomitou Jonas na praia».



«*Livro dos Milagres de N. Senhora da Insoa*» (ADB, F-7). Arquivo Distrital de Braga. Fundo Monástico-Conventual. Franciscanos.

#### Fontes impressas

Alves, António Maria Caetano (1996). *Causas e processos da dinâmica sedimentar na evolução actual do litoral do Alto Minho*. Tese de Doutoramento. Braga, Universidade do Minho, Departamento de Ciências da Terra.

Amor de Deos, Fr. Martinho (1740). *Escola de penitencia, caminho de perfeição, estrada segura para a vida eterna. Chronica da Santa Provincia de S. Antonio*. Tomo I. Lisboa Occidental, na officina dos herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.

Baldaque da Silva, A. A. (1891). *Estado actual das pescas em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional.

Baldaque da Silva, A. A. (1991). *Estado actual das pescas em Portugal*. Ed. Fac-similada de 1891. Lisboa, Banco do Fomento e Exterior, 3 volumes.

Capela, José Viriato (coordenador) (2005). *As freguesias do distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758. Alto Minho: Memórias, História e Património*. Casa Museu de Monção, Universidade do Minho. Braga, Barbosa & Xavier.

Cardoso, Jorge (1652). *Agiologio Lusitano*. Tomo I. Em Lisboa, na Officina Craesbeekiana.

Cardoso, Jorge (1657). *Agiologio Lusitano*. Tomo II. Lisboa, na Officina de Henrique Valente d'Oliveira.

Carvalho, José Adriano Freitas de (2005). De l'Observance et des observances de l'Observance à la plénitude de l'Observance au Portugal. In: Frédéric Meyer e Ludovic Viallet (direcção). *Identités franciscaines à l'âge des réformes*. Collection Histoires croisées. Presses Universitaires Blaise-Pascal, pp. 143-164.

Cortesão, Jaime (1990). *Os Descobrimentos Portugueses*. Tomos I e II. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Esperança, Fr. Manoel da (1666). *Historia serafica*. Tomo II. Em Lisboa, na officina de Antonio Craesbeck de Mello.

Michelet, Jules (1861). *La Mer*. Paris, Librairie de L. Hachette, 2.<sup>a</sup> ed.

PJMJ, Pedro de Jesus Maria José, Fr. (1760). *Chronica da Santa, e Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal*. Tomo I, segunda impressão, Lisboa, na Officina de Miguel Manescal da Costa.

Rema, Henrique Pinto (2003). A Observância Franciscana na Península Ibérica (nos séculos XIV a XVI). *Itinerarium*, 175/176, pp. 61-96.

Rema, Henrique Pinto (2005). Implantação do Franciscanismo em Portugal. *Itinerarium*, 181/183, pp. 265-296.

São João Clímaco. Traduzido de: *La Santa Escala*. Para Usos Internos y Didácticos Solamente. Adaptação de Carlos Etchevarne. Disponível:  
[http://www.fatheralexander.org/booklets/spanish/escala\\_juan\\_climaco.htm](http://www.fatheralexander.org/booklets/spanish/escala_juan_climaco.htm)

Serra de Carvalho, Manuel Raimundo (1984). *Forais de Caminha*. Reprodução anastática com leitura, introdução, estudo, transliteração e notas de Manuel Raimundo Serra de Carvalho. Caminha, Câmara Municipal de Caminha, 179 pp.